

O PAPEL TRANSGRESSOR DA LINGUAGEM SIMBÓLICA NAS SOCIEDADES SECULARIZANTES

Ana Paula Araujo Braga

Graduada em Letras Vernáculas e mestranda do Programa de Pós-Graduação
em Sociedade e Fronteira da Universidade Federal de Roraima.
paulinhabraga@gmail.com/paulabraga05@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo, tratar das formas de contato como estratégias para conjecturar determinados papéis através das fronteiras simbólicas, dentro de sociedades secularizantes culturalmente que chamo aqui de **sociedades emergentes**, e que por conseguinte, estabelecem padrões não fixos que tendem a se modificar no processo de adaptabilidade quando utilizadas linguagens de *emergência* ou códigos. É possível afirmar que as desinências desse processo muitas vezes são aproveitáveis para reelaboração de arquétipos e mecanismos que estão compilados nas diversas culturas das sociedades, decorrentes de fatores que partem de inconscientes e segundo Turner, *paradigmas* que irão se configurar posteriormente, numa rede de influências ou segundo Bauman e Langdon, numa *experiência em relevo*. Trago como referências também neste trabalho, alguns autores como Turner, Langdon, Price, Peirano dentre outros.

Palavras-chave: linguagem, símbolos, sociedades, emergente.

Introdução

O processo dinâmico das posições adquiridas pelas esferas sociais configura-se em organismos vinculados que se designam nas especificidades em que cada grupo passa a adquirir. Estendem-se de maneira irregular, conforme as proximidades e escolhas que se dá pelas formas de contato nos moldes encontrados da língua enquanto funcional nos contos, dialetos, mitos, sotaques, nas narrativas de um modo em geral. Não pretendo determinar neste artigo quando se inicia a admissão de determinado papel social, pois as formas de desenvolvimento à essa constatação, podem ser variadas. Entretanto, a ocorrência é indubitavelmente propensa e passível ao atender as relações dos discursos em distintas situações.

Por isso, faz-se necessário ao analisar as relações de discursos e os seus componentes como a linguagem metafórica, entender os processos mecanicistas que delimitam-os em suas distinções e especificidades. A engrenagem da linguagem enquanto metafórica, depende inteiramente de elementos que sejam integrados para a sujeição e significação dos eventos promovidos. Os dramas sociais intitulado por Turner, não deixam de ser elementos compulsórios dessa engrenagem, e quando ocorridos ao mesmo tempo que eventos designados de metáforas, performance, não anula estes, pois tanto o conflito quanto a performance, proporcionam uma acepção ou integração daquilo que se pretende instaurar.

Podem apresentar-se, os elementos compulsórios, como mediadores ou convencionais como formas de estratégia que por mais superficial que seja, dão significado. De acordo com Turner (2008, p.25), “na metáfora temos dois pensamentos

sobre coisas diferentes atuando juntos e sustentados por uma só palavra ou expressão cujo significado resulta de sua interação”.

A interação a que Turner refere-se ocorre do processo de adaptabilidade pelo qual determinados grupos passam na ingressão e inserção dentro de sociedades, em especial emergentes. Por muitas vezes a linguagem metafórica ocorre de forma irregular, sistematizada e atemporal, pois se determina primeiramente pelas relações no espaço, na conjuntura de elementos diferenciados, tais elementos, sejam eles provenientes de conflitos ou de códigos emergenciais, se inter-relacionam e em alguns casos, acabam sustentando um ao outro numa mesma complexidade.

As formas de repositórios (escolas, bibliotecas, acervos em geral) nas sociedades secularizantes, dada pelas construções de instituições que regulamentam normas e conceitos, mesclam-se na relação diacrônica entre os repertórios das práticas ritualísticas e míticas e essas ações se diferenciam às vezes, por questões econômicas ou de etnias distintas.

As ações provenientes desses elementos compulsórios (conflito e metáfora), pulverizam-se de tal maneira que podem ser identificadas por peculiaridades que divergem um com o outro, enquanto o primeiro desencadeia-se por forças externas que provocam imposições ou deveres, o segundo é por proximidades espaciais e culturais. Tanto nos dramas sociais como na performance a linguagem ou o símbolo, surgem de uma “necessidade” em reagrupar, agregar e ressignificar conceitos.

A performance nas estruturas de poder: ritos e mitos

A língua, seja ela contextualizada em estrutura gramatical ou apenas lexical, contribui em suas funções como símbolo e expressão na representação do que se pretende e a linguagem veiculada por outros meios associados a língua sedimenta em constantes esferas das quais se tornam determinantes referências e conceitos que muitas vezes estão implícitos. Os ritos em sociedades que formulam e vivem em situações de emergência através de códigos, reafirma condições já existentes e que as vezes são negadas pela própria sociedade, a exemplo de alguns casos dentro de aspectos religiosos ou de culturas consideradas populares ou secundárias.

Os mitos, por sua vez, reaproxima a condições que muitas vezes são impostas por determinados grupos que podendo ser considerados os dominantes ou não nessas sociedades, o que vai incidir em elucidar e evidenciar culturas que tendem a relacionar-se com o popular ou erudito. Nesses casos os aspectos são incorporados por fatores não padronizados, mas especificados por elementos que sejam condizentes a um aprimoramento de valores para serem apreendidos.

Distinção de relações sociais e representações é uma preocupação que deve ser dada em estudos concentrados, pois são formuladas por forças atuantes que reproduzem mecanismos indutores de uma consciência repercussiva a um imaginário coletivo. Formas compartilhadas desses mecanismos que geram uma estrutura de poder, são perceptíveis na(s) situação(s) de vínculo proporcionada pelos atores sociais, que podem ao mesmo tempo, tornarem-se o próprio veículo de apreensão que deseja internalizar, dependendo da linguagem exercida.

Benjamim e Peirano, analisam formas de representação com funções diferentes, a que referem-se como eficácia de acordo com, sendo que em um, ver-se a linguagem como processo de difusão, e o outro, percebe-se o grupo social a que se abrange. Segundo Benjamim (2010, p. 202), “Ela é tão estranha à narrativa como o romance, mas é mais ameaçadora e, de resto, provoca uma crise no próprio romance. Essa nova forma de comunicação é a informação”.

Enquanto Peirano (2002, p.23),

trata de que o movimento e o dinamismo das sociedades derivam da eficácia de forças sociais ativas, não só de outros pressupostos que levam o indivíduo a relacionar-se um com o outro e pensar o mundo.

Os dois pensamentos acerca da eficácia dada a linguagem persuasiva que corrobora o mito, traz uma reflexão que diferente do rito, o mito intervêm não só para acepções, mas também para convenções, e ambos transferidos na performance podem ser vivenciados os elementos contrastantes de um e outro, e se enaltece a indução de determinados valores que muitas vezes difunde-se na formação cultural e social.

Lévi-Strauss (1971, apud PEIRANO 2002, p. 21), afirma que os mitos ficaram associados as representações e os ritos as relações sociais empíricas (PEIRANO, 2002). Tambiah (1985, apud PEIRANO 2002, p. 27) cita sobre a eficácia do caráter performativo em seu artigo, “A análise antropológica de rituais”, de que esta é como um ato convencional quando usa

vários meios de comunicação através dos quais os participantes experimentam intensamente o evento e, finalmente, no sentido de remeter a valores que são vinculados ou inferidos pelos atores durante a performance.

É pertinente pensar, que entre encontros possibilitados nos eventos apresentados pela performance, algumas acepções de valor sejam reintegradas a novas contendas que revigorarão em constituição de novos modelos de arquétipos contribuintes na formação de uma consciência coletiva.

O mito não é apenas simbólico, mas uma expressão direta do seu conteúdo; não é só uma explicação para satisfação de um interesse científico, mas uma ressurreição narrativa de uma realidade primitiva. As ações que singularizam essas especificidades dada a qualquer evento dentro dos ritos, mitos, performance, quando engendradas para reintegrar valores e intensifica-los através de uma linguagem simbólica, promovem uma relação que ao mesmo tempo em que é dicotômica, é também manipuladora.

As desinências do caráter performático nas narrativas

A linguística trata de fundamentos tão concernentes quanto a antropologia quando refere-se a aspectos sócio-culturais e nisso intervêm diretamente no contexto popular das funções e propriedades intrínsecas a linguagem e aos modos de vida inseridos por grupos

dentro de uma sociedade. Para esse caso, Malinowski (1930) chamou de contexto da situação, quando tais funções e usos da língua decorrem de propriedades intrínsecas à linguagem, isto é, não são acrescentadas depois ou quando a língua é posta em uso; elas são inerentes ao fenômeno mesmo da linguagem.

Desta forma, pode se compreender que a linguagem como parte da cultura (PEIRANO, 2002) cria pressupostos significantes para associar duas disciplinas independentes como é a linguística e a antropologia, além de evidenciar as especificidades que cada uma das duas áreas têm. Os fenômenos transponentes à fala e ritos, resvala-se nos meios de veiculação, em se tratando de narrativas, dá-se uma importância ao lado memorialístico e descritivo, mas a significação pode ir além disso. O caráter performático abrange ambos os lados mas ainda detém de uma poética em explorar de forma mais intensa pela estética que lhe permita isso.

O lugar ocupado pela narrativa sempre existiu nas transformações do mundo como forma de assumir identidade(s) e organizar o que está agregado a cultura, e a performance passa a dar mais sentido a isso, inserindo-se como uma forma de dialogar ou de negociar os espaços alcançados, e o reconhecimento do que vá se exaurir na dialogicidade ou negociação. Assim como as formas de conflito mudam, como bem afirmam Turner e Tambiah, os meios de performance encontrados nas narrativas também, porque os desejos e necessidades dos atores mudam com aquilo que vai sendo alcançado ou conformado.

As desinências da performance selam-se através do domínio sobre os fatos explicitados e à assimilação a estes, como pode ser visto em eventos como de cerimoniais, festividades, de representações ou práticas do sagrado, até mesmo os ocasionados por disputas, tais como comerciais, familiares, etc. Contextualizadas, performance e narrativa, exercem de uma estrutura pluralística e promovem uma abordagem sensibilizada na “multilocalidade dos símbolos, na polifonia que relaciona a vida cotidiana” (LANGDON, 1999, p. 15) O estudo de narrativa tem ido além de preocupações tradicionais e já concebe que a narrativa, como expressão oral, faz parte dos gêneros dramáticos e performativos marcados por qualidades estéticas e emergentes através da interação social.

Quando especificados os elementos de tradição oral, muitas vezes podem eliminar a elucidação poética que lhe é bastante intrínseca, e enaltecer a dialética exercida também constante. Para uma sociedade secularizada, sobre vários aspectos, é observável a contribuição dada pela literatura oral quando esta se abrange do caráter performativo e da narrativa, seja na língua falada ou em algum costume.

Atrelado a isso está o fato de que a narrativa é conceituada como uma forma de comunicação cujo significado é emergente (LANGDON, 1999) na leitura que se pretende dá ao determinado evento ou fato. Dentro da macro união dos aspectos poéticos e estéticos do discurso narrativo está o papel transgressor da performance, que ao lhe dá com um bem imaterial (símbolos), consolida desde a etnografia da fala a interação social.

A narrativa como jogo imaginativo reconhecido por Boas (1916, apud LANGDON 1999, p. 18), a performance caracterizada como imprevisto ou indeterminado pelo mundo pós-moderno, denota acepções do caráter associativo que se estabelece entre o cotidiano e o simbólico, desencadeando em outras nuances como formas de subterfúgios às vezes inconsciente, às vezes consciente para o exercício de papéis que irão tratar do que fora citado acima, em afirmar identidade(s), organizar culturalmente o que é compartilhado num grupo, estabelecer espaços físicos e não físicos.

Memória coletiva, identidade e ato performativo

A similaridade entre os aspectos que envolvem o simbólico com a interação social é dada pela reflexividade que os participantes dão ao que se evidencia através da ação simbólica. O ato performativo revela fatos transponentes a uma individuação da qual está em jogo experiências em relevo, que irão dicotomizar as singularidades de cada ato e dos elementos que o compõem. As relações que tratam a cultura no imaginário de um povo, são alúdicas ao que se resgata como valor no âmbito social e é nisto que está permanecido o ato performativo.

A identidade cultural é dada pela historicidade agregada aos fatos exercidos e compartilhados de um grupo, com isso, a performance passa a ter um papel essencialmente de poder entre as características próprias, a dialogicidade e a emergência daquilo que se queira comunicar. No que tange a organização cultural que se centraliza a memória coletiva, há uma relação de necessidade, reciprocidade possíveis ao ato performativo. Para Langer (1971, apud LANGDON 1999, p. 22), “o homem simbólico é um ator, cuja ação não é motivada só pela razão mas também pelas experiências passadas, pelos desejos, pelas necessidades de expressar e criar, e pela vontade”.

Como se encarrega de entoar e evidenciar fatos vivenciados do cotidiano, o ato performativo de certa forma, delimita e ressignifica ideias e conceitos agregados por uma tradição, podendo assim, reinventar ou desconstruir um valor agregado culturalmente. Sabe-se que o imaginário é um acervo incomensurável e infindável quando trata-se de explorar os aspectos a ele acessíveis como as práticas corroboradas do cotidiano, que selecionam afetos e referências a um grupo.

Portanto, o ato performativo pode adentrar em aspectos que serão seletivos ou extensivos, dependerá sempre dos atores participantes e dos seus receptores. A performance não só papel transgressor, mas também tem a função de estabelecer critérios que irão causar não só impacto e estranhamento pelos mecanismos poéticos e estéticos invocados pela experiência em relevo (LANGDON, 2006) como também de levar a reflexão sobre assimilações muitas vezes sintetizadas em situações diversas.

De acordo com a ideia de Turner de liminaridade, comparando ao rito, os quais não se anulam na vida cotidiana, tem sua fase crucial dada em reencontros no próprio contexto cotidiano. A performance, como um componente do rito, estaria relacionada a isso quando no momento do ato, não existem regras que normalmente permeiam a interação social dentro de uma sociedade, o que irá permitir, conseqüentemente, inserir-se na memória coletiva. Na ação simbólica, a fase crucial se dá na inversão, o que é escondido, na vida cotidiana é revelado. É no momento de reflexividade, quando os participantes refletem sobre si mesmos e sobre o grupo, permitindo-lhes repensar sua sociedade. A liminaridade possibilita a criatividade (TURNER, 2008), a expressão e a transformação.

Dentro dessa perspectiva, a identidade social é evidenciada e reprojeta para as sujeições dicotômicas que se atrelam aos signos incutidos na ação simbólica e reaproximam atores e receptores para repensar a posição persuadida por ambos. A memória por ser organizada e enquadrada às situações cotidianas, torna-se um fenômeno construído social e individualmente (POLLACK, 1992), e a identidade social surge como um elemento central que solidifica a memória e os eventos ocorridos para essa construção.

O ato performativo se correlaciona a reorganização da memória coletiva e da significação da identidade social. Diferente dos conflitos, ele torna-se um mecanismo que

ocorre de um propósito em instaurar e segmentar novas atividades e assim, assumir novas posições sociais, das quais podem levar mais tempo para provocar uma grande mudança ou nova ordem dentro de uma sociedade. A performance, comparada ao conflito ou aos *dramas sociais* (TURNER, 2008), é iniciada de um consciente e as abordagens sucessivas a ela, a assimilação e repetição desta pelos receptores, é que pode ser dada de maneira inconsciente.

Nesse processo dialógico, existem mecanismos dentro do próprio ato performativo que não deixa de ser um também, dos quais irão compor a linguagem em parâmetros ou como afirma Pollack (1992, p. 204),

Há unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo (...) a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade.

Essas unidades estão implicadas na ideia de construção de identidade da qual está diretamente relacionada com a memória e esta passa a ser usada como recurso nas linguagens e narrativas. Nesse pressuposto, tanto a performance como os dramas sociais, utilizam dessas unidades ou parâmetros como bases para proceder dentro suas linguagens usuais, porém a performance é aplicada de maneira rebuscada, onde é reforçado o sentimento identitário partindo da ideia de continuidade e coerência, onde se contextualiza o cotidiano, sem precisar estar necessariamente inserido nele (LANGDON, 1999).

Entretanto, dependerá da coerência para se plasmar uma identidade como algo reconhecido e aceito, mas será do rebuscamento dado a linguagem para todos os critérios mencionados acima, que se promoverá um sentimento de pertencimento ou um não estranhamento sobre aquilo que está em jogo, e muitas vezes nesse momento, é necessário ocorrer rupturas.

De acordo com Price (2004), dentro do que afirmara ser persuadido nos registros etnográficos mais recentes, em que se enquadraria a performance na precisão factual? Amplitude teórica? Alcance da imaginação? Profundidade moral? Dentre esses questionamentos, a performance se encaixa como um mecanismo de reorganização, que pode proporcionar um estreitamento entre memória e identidade, mas entre atores e receptores, dependerão de outras nuances atreladas as fronteiras física e simbólica, para que isso ocorra de fato.

Considerações finais

Neste trabalho, propus apresentar elementos que delimitam a complexidade das formações culturais entre grupos distintos em sociedades que agregam de maneira rápida e às vezes desapercibida. Tendo como um elemento que hoje já pode ser encarado como um fenômeno pela amplitude da linguagem e pelos propósitos que permeia, a performance seja ela do tipo que for, vem trazendo importantes contribuições nas práticas do cotidiano e derrubando certas barreiras que distanciam e minimizam relações entre grupos sociais, formando muitas vezes estruturas de poder descentralizadas aos elementos correspondentes aos grupos e que formam uma sociedade em todos os aspectos.

A importância dessa investigação em torno da performance e do papel simbólico que a detém, está na relevância de sua construção que delimita preceitos similares aos do mito e do rito, que está na subjetividade e na necessidade de assumir uma identidade através da imagem obtida pelo outro a qual reflete em si mesmo. Assumir identidade é estar consciente em assimilar papéis e reformulá-los constantemente, de maneira até inconsciente, permitindo uma incessante negociação que adequa-se e organiza-se de forma diretiva na memória coletiva ou nacional da qual perpassa os mitos, ritos e performances.

A atenção dada ao estudo nessa área vem crescendo mais atualmente, portanto, preocupar-se com as formas diligentes aos contatos entre grupos étnicos e culturalmente diferentes, faz-se extremamente necessário como a percepção de momentos em que surge a interação simbólica e em que surge a interação social, de quando é apenas um ritual e não uma performance, de quando deixa de ser performance para tornar-se conflito, de quando surge um vínculo ou estranhamento entre atores e receptores, e no que ambos os fatos podem levar. No caso do vínculo, poderia levar para além do sentimento de identidade, para a ideia de pertencimento, e no caso do estranhamento, poder-se-ia levar a um estigma.

Ambos podem acarretar em sucessivos eventos que levem a extremidades como os conflitos, hibridismos entre culturas similares ou sincretismos religiosos, etc. Não me aprofundarei mais nessas últimas abordagens, pois requer novos fatos e análises a serem destrinchados, dos quais caberiam a um ensaio, apenas concludo reafirmando sobre as possibilidades que a linguagem de emergência traz acerca de mecanismos como a performance para essencialmente delimitar espaço, identidades e comunicabilidade, independentemente das funções e tipologias que ela se agregue.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LANGDON, Ester Jean. A Fixação da Narrativa: do Mito para a Poética de Literatura Oral_ **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n.12, 1999, p. 13-36.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Magia, Ciência e Religião**. Lisboa: Ed. 70, 1984.

PEIRANO, Marisa G. S. **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais/ Parte I: Rituais e Eventos**. Cap. I A análise antropológica de rituais. Org. Rio de Janeiro: Núcleo de Antropologia Política, III série. Coleção 12. UFRJ, 2002.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. SP: Brasiliense, 1998.

POLLACK, Michael. ____ **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro. v. 5, n.10, 1992, p. 200-212.

PRICE, Richard. ____ **Horizontes Antropológicos**, v. 10, n. 21. Porto Alegre, 2004.

SAPIR, Edward. **Encyclopedia das Ciências Sociais**, v. IX, p. 155-168, cap. VI. Nova York, 1940.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana.** II série. Coleção antropologia e Ciência Política. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008, p. 9-53.